



O EDUCANDO

JORNAL DE EXTENSÃO E INOVAÇÃO



Junho de 2026

Edição: 02

Periodicidade: Trimestral

www.up.ac.mz

Director: Bonifácio Langa

FEP ACOLHE CONGRESSO SOBRE 1ª INFÂNCIA



Destaques



Workshop sobre
violência infantil



UP reforça cooperação
com Portugal



Faculdade celebra
dia de África

Grande entrevista
Cecília Xavier

Editorial

Conhecimento que transforma, inovação que aproxima e extensão que impacta. É com este compromisso que apresentamos a segunda edição de O Educando, Jornal de Extensão e Inovação, uma publicação da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo dedicada a divulgar as realizações, os desafios e o impacto das actividades desenvolvidas pela nossa comunidade académica.

A universidade contemporânea é chamada a desempenhar um papel cada vez mais activo na transformação da sociedade. Para além da formação de profissionais qualificados, compete-lhe produzir conhecimento relevante, promover a inovação e fortalecer a ligação com as comunidades através da extensão universitária. É nesta perspectiva que a Faculdade de Educação e Psicologia tem vindo a consolidar a sua actuação, procurando responder aos desafios sociais com intervenções fundamentadas na investigação, na cooperação e no compromisso com o desenvolvimento humano.

As páginas desta edição testemunham esse compromisso mostrando actividades de extensão junto das comunidades, os projectos de cooperação académica internacional, os workshops, as iniciativas científicas e culturais.

Mais do que um jornal institucional, O Educando pretende afirmar-se como um espaço de memória, divulgação e valorização da vida académica da Faculdade.

Convidamos os nossos leitores a percorrer estas páginas e a conhecer as diversas iniciativas que dão expressão à missão da Faculdade de Educação e Psicologia. Que esta edição continue a inspirar novas ideias, fortaleça parcerias e reafirme o papel da universidade como agente de transformação social.

Diovergildio Chauque

Workshop reforça prevenção da violência verbal e da negligência infantil nas escolas

Professores, educadores e representantes de instituições públicas reforçaram, no dia 28 de Maio, os seus conhecimentos sobre prevenção da violência verbal e da negligência infantil durante um workshop promovido pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo, em parceria com a Associação Ndangwini e a Escola Básica de Magoanine B.

A formação capacitou 20 professores e 3 educadores e contou ainda com a participação de representantes da Direcção da Acção Social do distrito de Kamubukwana e da Polícia de Protecção da Criança de Magoanine B, evidenciando a importância da cooperação interinstitucional na defesa dos direitos da criança.

Na ocasião, a Directora do Curso de Psicologia Social e do Trabalho, Mestre Cecília Xavier, alertou para os impactos das formas mais subtis de violência sobre a saúde mental das crianças, salientando que estas podem produzir consequências tão graves quanto as formas mais visíveis de abuso.

Sob coordenação da docente, as estudantes Bastante Sitole e Edna Sambane dinamizaram sessões práticas que destacaram o papel da escola na identificação precoce de situações de violência e negligência infantil. O workshop terminou com a análise de casos práticos, permitindo aos participantes discutir estratégias de intervenção e reforçar competências para a protecção das crianças.



Momento de interação com participantes



Participantes de Workshop

Mais um evento internacional na faculdade

Congresso sobre a Primeira Infância

A Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo acolheu, no dia 2 de Junho de 2026, o segundo dia do Congresso Internacional de Desenvolvimento da Primeira Infância Inclusivo, realizado sob o lema “Primeira Infância – Por Um Cuidado Integral”, reunindo especialistas, investigadores, profissionais e parceiros nacionais e internacionais comprometidos com a promoção dos direitos e do desenvolvimento integral da criança.

O congresso foi realizado em parceria entre a Universidade Pedagógica de Maputo, a Universidade Eduardo Mondlane e a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF), envolvendo diferentes instituições académicas e organizações comprometidas com o fortalecimento das respostas integradas para a primeira infância. O encontro está estruturado em torno de cinco domínios fundamentais do Desenvolvimento da Primeira Infância Inclusivo, nomeadamente saúde, nutrição, cuidados responsivos, aprendizagem precoce, segurança e protecção da criança.

O segundo dia do congresso, acolhido



Participantes do Congresso

pela Faculdade de Educação e Psicologia no Campus Universitário de Lhanguene, foi dedicado aos domínios da saúde e aprendizagem precoce, transformando a instituição num espaço privilegiado de diálogo, reflexão científica e partilha de experiências sobre os desafios e perspectivas do desenvolvimento integral da criança.

A sessão de abertura contou com intervenções do Director da Faculdade de Educação e Psicologia, Professor Doutor Bonifácio Langa, e da repre-

sentante dos parceiros, Marta Monteiro, da FEC – Fundação Fé e Cooperação, que destacaram a importância da cooperação entre instituições de ensino superior, organizações da sociedade civil e parceiros internacionais na promoção de respostas mais inclusivas e sustentáveis para a infância.

Ao longo do dia, os participantes debateram temas ligados à saúde, educação e aprendizagem precoce, com destaque para abordagens multidisciplinares que valorizam o cuidado integral da criança nos seus primeiros anos de vida. O congresso contou com a participação de especialistas provenientes de diferentes instituições académicas, organizações da sociedade civil e sectores profissionais, promovendo uma reflexão alargada sobre os desafios que se colocam ao desenvolvimento infantil em contextos diversos.

No primeiro painel, dedicado à saúde no desenvolvimento da primeira infância, mereceu especial destaque a intervenção da Professora Doutora Nórdia Machava, pesquisadora e especialista em Enfermagem Pediátrica, que apresentou reflexões em torno dos desafios da saúde infantil e da importância de abordagens integradas no cuidado da



Oradores com certificados

criança. O painel contou igualmente com a participação do médico tradicional Dr. Rungo Guiamba, cuja intervenção trouxe importantes perspectivas sobre os saberes comunitários e o papel da medicina tradicional no acompanhamento da infância em contextos locais.

No segundo painel, centrado na educação e aprendizagem precoce na primeira infância, destacou-se a apresentação da Mestre Fátima Nhantumbo, do Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE), que abordou os padrões e o plano curricular da educação pré-escolar, sublinhando a importância de orientações pedagógicas estruturadas para a promoção de aprendizagens significativas desde

os primeiros anos de vida.

Outro momento marcante do congresso foi a participação da Professora Doutora Ana Gomes, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, em Portugal, que abordou questões relacionadas com educação e aprendizagem precoce, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, sensíveis às realidades sociais e centradas no desenvolvimento integral da criança.

A realização deste encontro internacional na Faculdade de Educação e Psicologia reafirma o papel da instituição como espaço de produção de conhecimento, promoção da investigação e extensão universitária comprometida

com as necessidades da sociedade. Mais do que acolher um evento académico, a Faculdade assumiu-se como ponto de convergência de diferentes saberes, vozes e experiências em defesa de uma infância mais protegida, inclusiva e digna.

O Congresso Internacional de Desenvolvimento da Primeira Infância Inclusivo é organizado no âmbito do Projecto Mbalele-Mbalele, promovido pela FEC – Fundação Fé e Cooperação, em parceria com diversas instituições de ensino superior e organizações comprometidas com a promoção dos direitos da criança, contando com o financiamento do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua.



Momento de foto família

Ficha Técnica

O Educando, jornal de Extensão e Inovação
 Propriedade: FEP - UP Maputo
 Periodicidade: Trimestral
 Director: Bonifácio Langa
 Editor: Diovargildio Cháuque.
 Colaborador permanente: Eduardo Humbane
 Projecto Gráfico: FEP
 Edição: 02
www.up.ac.mz

FEP CELEBRA ÁFRICA!

O dia 25 de Maio é amplamente celebrado como o Dia de África. Foi nesta data em que foi fundada a Organização de Unidade Africana (OUA), no longínquo ano de 1963. A organização, hoje União Africana, desempenhou e desempenha ainda um papel importante para a emancipação e o desenvolvimento dos povos africanos.

A data não tem passado despercebida pelas universidades. No continente e mesmo na diáspora, têm sido realizadas iniciativas de carácter científico, cultural, desportivo, etc. não só para a comemorar o mês de África, mas sobretudo para refletir sobre os desafios, alguns antigos e outros emergentes, que se abatem sobre o continente, consensualmente visto como o berço da humanidade.

A FEP se associou às celebrações organizando um evento académico e cultural. Segundo o Prof. Orlando Chemane, líder da comissão organizadora, o grande objectivo do evento era, como Faculdade de Educação e Psicologia, “actualizar os debates educacionais e psicológicos africanos, por forma a recuperar as formas africanas de educar as novas gerações, os procedimentos terapêuticos de promoção e manutenção da saúde mental e do bem-estar das comunidades”.

Explicou ainda Chemane, está no bojo da efeméride, “o reforço do pan-africanismo, a libertação e o ubuntu, valores actualmente ameaçados pelo neocolonialismo, pela xenofobia e pela pobreza”, daí a importância deste evento para aprofundar o debate, uma vez que a “África, como identidade, entidade política e económica, não é estática e deve ser sempre motivo de discussão pois os desafios do passado não são necessariamente os actuais e os desafios hodiernos não serão necessariamente os do futuro”.

Na abertura do evento, o Prof. Eduardo Humbane, indo pelo mesmo diapasão, realçou a importância de um evento orientado para o resgate e valorização do conhecimento endógeno africano. Como destacou, “trata-se de um conhecimento produzido em África, pelos africanos, para a responder a problemas dos africanos e, por isso, já aqui socialmente validados”.

O evento consistiu de duas mesas redondas, sendo a primeira denominada

é de uma riqueza incomensurável.

O evento contou com a presença de professores da FEP e de outras faculdades e uma massa considerável de estudantes. Os debates foram intensos e esclarecedores, sendo que um dos maiores ganhos foi o consenso de não fazer prosperar o afropessimismo entre as gerações que não viveram directamente o colonialismo, a necessidade de nos libertarmos das amarras de colo-



Participantes do dia de África

“Psicologia e Educação em África. Descolonizando o Saber e Práticas de Formação e Saúde Mental”, composta por pedagogos e psicólogos da FEP, nomeadamente os professores Félix Muthanga, Evílio Maússe, Orlando Chemane e a Profa. Paicua Sande, psicóloga da UEM. Neste painel a tónica foi a necessidade de pesquisa e resgate e valorização do pensamento educacional que existe na sociedade africana bem como do incremento de um dialogo mais profícuo entre a terapia de base moderna com aquelas de base africanas, bastante pujantes na nossa sociedade. A outra mesa, denominada “Colonialidade, Estética Africana e Educação”, contou com a presença dos professores Adilson Muthambe, Gildo Manuel e António Sarmento e, como convidada, a Profa. Stélia Rosa Muianga, da área de filosofia. O painel fez uma discussão muito mais orientada para as questões de estéticas, de que o nosso continente

nização que, ao nível espiritual e intelectual, continuam a ser fortes elementos limitantes da nossa emancipação e, finalmente, que no espaço académico, deveremos integrar cada vez mais reflexões académicas de autores africanos e pesquisar mais o conhecimento endógeno, tanto para o integrar na academia como para estimularmos uma postura mais dialógica desta com os seus produtores.

O evento contou com momentos de canto coral e poesia, oferecidos por estudantes do curso de Pedagogia da FEP, momentos de musica de raiz africana abrilhantada pelos musicos do ISARC e houve também uma exposição fotográfica com os maiores pedagogos e psicólogos africanos. Para esta lista entraram os moçambicanos José Castiano, curiosamente presente no evento, Severino Nguenha e Boia Enfraime.

Entre Moçambique e Portugal

Cooperação académica ganha novo impulso

A cooperação académica entre a Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo e a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto foi reforçada com a visita de trabalho da Professora Sofia Veiga, realizada entre os dias 27 e 29 de Abril de 2026.

A visita teve como principal objectivo aprofundar as relações de intercâmbio académico, promover a partilha de experiências e identificar novas oportunidades de colaboração nas áreas da Psicologia e da Educação, com especial enfoque na metodologia do sociodrama, na inovação pedagógica e na promoção da saúde mental no ensino superior.

Durante os três dias de actividades, a docente participou em reuniões de trabalho com a Direcção da Faculdade, coordenadores de cursos, chefes de departamento e directores de programas de pós-graduação, nas quais foram discutidas perspectivas de mobilidade académica, investigação colaborativa e desenvolvimento de projectos conjuntos.

O programa integrou igualmente um conjunto de actividades científicas dirigidas a docentes e estudantes, destacando-se o minicurso sobre Sociodrama na Psicologia e em Educação, um workshop vivencial sobre a aplicação desta metodologia em contextos educativos e psicossociais, bem como uma sessão dedicada ao tema Saúde Mental dos Estudantes do Ensino Superior: Desafios da Actualidade, que promoveu a reflexão sobre o bem-estar psicológico dos estudantes e o papel das instituições de ensino na sua promoção.

A Professora Sofia Veiga teve ainda a oportunidade de conhecer diferentes espaços académicos da Faculdade, incluindo a Oficina Pedagógica, o CAPUP e outros ambientes de aprendizagem, reforçando o conheci-



Participantes do seminário

mento sobre a realidade institucional e identificando áreas de interesse comum para futuras iniciativas de cooperação.

A visita permitiu consolidar as relações entre a Faculdade de Educação e Psicologia e a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, lançando bases para o desenvolvimento

de novos projectos de investigação, formação e extensão universitária. A iniciativa representa mais um passo no processo de internacionalização da Faculdade, reforçando o compromisso da instituição com a excelência académica, a inovação e a cooperação internacional.



Momento de foto família

Professor Doutor Cornélio Abdul Mussá Participa no 34ª Estoril Political Fórum 2026



Professor Cornélio Abdul

O Professor Cornélio Abdul Mussá participou, de 1 a 3 de junho de 2026, no 34ª Estoril Political Fórum, evento internacional organizado pelo Instituto

de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. O fórum reuniu académicos, investigadores, decisores políticos e representantes da sociedade civil de diferentes países para debater os desafios contemporâneos da política, da governação e do desenvolvimento humano.

Durante a sua intervenção, o Professor Cornélio Abdul Mussá apresentou uma reflexão sobre o tema “O Desenho de Novos Mapas de Esperança e o Papel da Educação em Moçambique”, destacando a importância da educação como instrumento estratégico para a transformação social, o fortalecimento da cidadania e a promoção do desenvolvimento sustentável.

Na sua apresentação, enfatizou que a construção de novos horizontes de esperança para Moçambique passa pelo investimento contínuo na educação de qualidade, na formação de cidadãos críticos e comprometidos com os valores democráticos, bem como pela valorização do conhecimento como motor do progresso nacional.

A participação do Professor Cornélio Abdul Mussá neste importante fórum internacional contribuiu para a projeção do pensamento académico moçambicano e para o fortalecimento do diálogo entre instituições de ensino e investigação comprometidas com a construção de sociedades mais justas, inclusivas e sustentáveis.

NEPEC REABRE COM OFICINA SOBRE FREIRE

O Núcleo de Estudos contemporâneas em Educação (NEPEC) da FEP reabriu suas actividades no ano de 2026, com realização de uma oficina de leitura, no pretérito dia 10 de Junho. O mote foi a leitura da influente obra “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, pensador por muitos visto como um verdadeiro imbondeiro da pedagogia contemporânea.

Nesta oficina primeiro se fez uma apresentação da trajectória intelectual de Paulo Freire e do contexto sociopolítico e intelectual em que ele produziu a obra, o que permitiu descortinar as influências que o pedagogo recebeu no empreendimento de produzir o livro. Segundo o debate havido, parece evidente que Freire foi influenciado também por pensadores africanos.

De entre vários pontos profundamente discutidos destaque vai para tese de

Freire, contida no livro, segundo a qual o processo de opressão gera violência que desumaniza tanto o oprimido como o opressor e que por via de uma educação orientada para o desenvolvimento de uma consciência crítica, se libertaria a ambos, portanto, se restaura a humanidade de todos.

O núcleo é coordenado pelos Profs. Orlado Chemane e Eduardo Humbane e tem como objectivos desenvolver estudos e pesquisas sobre temas pertinentes da educação contemporânea e intervir, por via de projectos de extensão, para melhorar a qualidade dos processos educacionais.



Participantes da oficina

No dia do curso

Futuros assistentes sociais reflectem sobre desafios da profissão

Foto e texto: GCI/UPM



Intervenção do professor Benvindo Maloa

O anfiteatro da Faculdade de Educação e Psicologia (FEP) acolheu na sexta-feira, 5 de Junho, as comemorações do dia do Curso de Educação e Assistente Social, evento marcado por reflexão, partilha de experiência e debate em torno do papel do assistente social na nossa sociedade, com o tema “ser assistente social hoje: desafios e perspectivas”. Os intervenientes destacaram a

importância do trabalho desenvolvido pelos assistentes sociais na promoção do bem-estar das comunidades, a necessidade de uma formação contínua e de uma actuação ética e comprometida com as transformações sociais.

A celebração emitiu uma mensagem de encorajamento aos futuros profission-

ais destacando a relevância da assistência social na promoção da dignidade humana e no fortalecimento da coesão social. Referir que a programação do evento incluiu apresentações culturais, e momentos de interação entre os estudantes e profissionais convidados, proporcionando um espaço de aprendizagem e troca de experiência.



Momento de corte do bolo

Para fortalecer a vida académica

Faculdade aposta nas artes, cultura e desporto

O Conselho de Direcção da Faculdade de Educação e Psicologia (FEP) da Universidade Pedagógica de Maputo aprovou, durante a sua sessão ordinária realizada no dia 11 de Maio de 2026, os Termos de Referência para a criação dos Grupos de Artes e Cultura e de Desporto da Faculdade.

A iniciativa surge como parte da estratégia de dinamização da vida académica e visa reforçar a participação da FEP nas actividades culturais e desportivas da Universidade, promovendo uma maior integração entre os estudantes e fortalecendo o espírito de pertença à comunidade universi-

tária.

Através desta decisão, a Faculdade pretende criar espaços permanentes para o desenvolvimento de actividades artísticas, culturais e desportivas, incentivando a descoberta de talentos nas áreas da música, dança, teatro, poesia e outras expressões culturais, bem como a prática do desporto como instrumento de promoção da saúde, do trabalho em equipa, da disciplina e da convivência académica.

Ao aprovar estes instrumentos orientadores, o Conselho de Direcção reafirma a convicção de que a formação univer-

sitária vai além da sala de aula. A Faculdade reconhece que as artes, a cultura e o desporto constituem dimensões essenciais da educação superior, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade, da liderança, da responsabilidade social, do equilíbrio emocional e do bem-estar físico e psicológico dos estudantes.

Com esta iniciativa, a Faculdade de Educação e Psicologia reforça o seu compromisso com uma formação integral, preparando profissionais tecnicamente competentes, socialmente responsáveis e capazes de participar activamente na vida académica, cultural e comunitária.

Dia do Pedagogo celebrado com reflexão sobre os desafios da educação

O papel do pedagogo na transformação da sociedade esteve no centro das comemorações do Dia do Pedagogo, realizadas no dia 20 de Maio de 2026, pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo, sob o lema "O Papel do Pedagogo na Sociedade Actual". O evento reuniu docentes, estudantes e convidados no Anfiteatro Luís Nandjolo, da Faculdade de Ciências Sociais, para uma jornada de reflexão sobre os desafios da profissão e o futuro da educação.

Na sessão de abertura, a Direcção da Faculdade de Educação e Psicologia e a Direcção do Curso de Pedagogia destacaram a importância do pedagogo na formação de cidadãos críticos, éticos e comprometidos com o desenvolvimento do país. O Professor Geraldo Mate apresentou uma contextualização histórica da efeméride, realçando a relevância da profissão para o fortalecimento da educação.



Professor Geraldo Mate

Os debates centraram-se na valorização da Pedagogia e na qualidade da educação. No primeiro painel, o Professor Doutor Orlando Chemane e o Mestre Chadreque Guambe defenderam o papel do pedagogo como agente de transformação social, promotor da inclusão, da cidadania e do desenvolvimento humano.

No segundo painel, o Mestre Hélder Chamo, o Mestre Amílcar Jotamo e o Professor Doutor José Manuel Flores abordaram questões relacionadas com a qualidade da educação, a ética profissional, a formação contínua dos pedagogos e os desafios dos processos de ensino e aprendizagem.

O programa integrou ainda uma mesa-redonda subordinada ao tema "Ser Pedagogo Hoje: Desafios, Compromissos e Perspectivas", proporcionando um espaço de diálogo entre docentes e estudantes sobre o presente e o futuro da profissão. As comemorações terminaram com apresentações culturais e um momento de confraternização, reafirmando o compromisso da Faculdade de Educação e Psicologia com a valorização da Pedagogia e com a formação de profissionais capazes de contribuir para a transformação da educação e da sociedade.

Artes marciais

Estudantes da FEP promovem acções de prevenção do bullying nas escolas

As artes marciais estiveram no centro de uma acção de sensibilização contra o bullying promovida por estudantes da Faculdade de Educação e Psicologia (FEP) na Escola Secundária Francisco Manhanga, no âmbito do projecto Programa de Educação Integral por Meio

das Artes Marciais, uma iniciativa que promove o respeito, a disciplina, o autocontrolo e o fortalecimento emocional no contexto escolar.

A actividade realizou-se no dia 24 de Junho de 2026 e foi coordenada por

Muisse Egas, estudante do curso de Licenciatura em Ciências da Educação, e por Eunice Zucula, estudante do curso de Mestrado em Desenvolvimento Curricular e Inovação Educativa. A palestra sensibilizou os alunos para os impactos do bullying, incentivando a construção de relações baseadas no respeito pelas diferenças e na convivência pacífica.

Durante o encontro, alguns professores partilharam relatos de situações de bullying praticadas por alunos contra docentes em sala de aula, evidenciando que o fenómeno afecta toda a comunidade escolar e reforçando a necessidade de acções preventivas que promovam uma cultura de paz, respeito mútuo e inclusão nas escolas.



Participantes do evento

Faculdade de Educação e Psicologia leva apoio e esperança às vítimas das cheias em Guaxene

No dia 2 de Abril de 2026, a Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo realizou uma actividade de extensão universitária na Escola Primária Completa de Guaxene, localizada no distrito municipal da

Social, Psicologia Educacional e Educação de Infância, bem como membros da comunidade local.

A comitiva foi recebida pelo director da escola, pela secretária do bairro, pela coordenação do Instituto Nacional de

promovida pela Faculdade.

A Faculdade de Educação e Psicologia endereça profundos agradecimentos a todos os que se juntaram a esta campanha solidária, incluindo estudantes, docentes, funcionários e parceiros que, com as suas doações, tornaram possível levar apoio concreto às famílias afectadas. Este gesto colectivo demonstra que a solidariedade continua a ser um valor vivo e mobilizador na comunidade académica.

Para além desta entrega, a acção incluiu sessões de aconselhamento, orientação vocacional e diversas actividades educativas e recreativas, como pintura e desenho, dirigidas às crianças.

Esta constitui mais uma actividade de extensão universitária que reafirma, de forma clara e comprometida, a missão da Faculdade de Educação e Psicologia de servir a comunidade, promovendo não apenas o conhecimento, mas também a inclusão, o apoio social e a dignidade humana.

Num contexto de adversidade, a presença da Faculdade representa não só ajuda material, mas também esperança e proximidade junto das comunidades.



Entrega de donativo aos membros da comunidade

Catembe, com o objectivo de apoiar as vítimas das recentes cheias que afectaram a comunidade.

A iniciativa contou com a participação do Director da Faculdade, Bonifácio Langa, e do Director Adjunto de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Benvindo Maloa, além de docentes, estudantes dos cursos de Assistência

Gestão de Desastres e por membros da comunidade, que manifestaram satisfação pela iniciativa solidária.

Durante a actividade, foram entregues cerca de 1700 peças de roupa diversa, incluindo pares de sapatos para crianças e adultos, além de outros bens de primeira necessidade, arrecadados no âmbito da campanha de solidariedade



Momento cultural com as crianças da escola

Cecília Xavier

OS ASSISTENTES NÃO DEVIAM SER REGENTES DE DISCIPLINAS!

Chama-se Cecília Xavier. Nasceu em Nampula mas foi na Beira que se fez mulher e iniciou a vida académica. Saiu da Beira, da antiga Delegação da UP, para ser uma das mais activas docentes da FEP. É psicóloga escolar e a sua paixão é a psicologia de desenvolvimento e a psicopatologia. É conhecida pela sua grande capacidade de trabalho e de mobilização para causas nobres e, boa beirense que é, tem na frontalidade uma das suas principais marcas. É com esta figura que o EDUCANDO conversou!

Então, vamos começar pelo início? Fale-nos do seu percurso? Quem é a Cecília? De onde é que vem a Cecília?

Cecília é multicultural. A Cecília vem de Nampula. Nasci na cidade de Nampula, mas não a conheço, porque saí aos 3 anos de idade. Cresci na cidade da Beira. Toda a minha vida foi feita nesta cidade. E eu me naturalizo de herança, de gema, apesar de ter nascido em Nampula. Toda a minha família tem um percurso de Nampula. Alguns estão espalhados, mas apesar de eu ter crescido na Beira, alguns hábitos e costumes são de Nampula. Mas fui herdando os hábitos e costumes da Beira, onde me vi a fazer tudo, até a etapa em que me encontro hoje. Sou católica, embora na família tenha as duas religiões, muçulmana e católica. Mas a nossa raiz é mesmo católica. Tanto que, do lado da minha mãe, eu tenho um tio-padre e uma tia-freira. E do lado do meu pai, apesar de não haver freira ou padre, também cresceram na base católica e na missão. Muita miscelânea...

Realmente. Entre nossos familiares, alguns vieram das Índias, como eles contavam, outros de Goa. Por isso eu disse que sou multicultural. E nessa miscelânea, temos também temos familiares protestantes. Tanto que tenho tios, embora não convertidos, mas casados com muçulmanas. E os meus primos, uns são verdadeiramente muçulmanos e outros verdadeiramente católicos. E uma parte protestante. Quando eu falo de protestantes, refiro-me as igrejas evangélicas. Há essa riqueza cultural dentro da minha família.



Conversando com a Cecília Xavier

Como foi a sua infância e juventude? Diria que foram felizes?

Acho que tive uma infância feliz, uma juventude bem vivida. Veja que cultivo até hoje os meus amigos de infância. Embora estejamos em locais distintos, na Austrália, Londres, Alemanha, uns cá e outros permaneceram Beira, temos o hábito, no final do ano, de criar um encontro em que cada um fala de si... Na juventude eu fiz de tudo o que aparecia, ia a espetáculos, etc.... só não namorava muito. Diziam, ah, é nerd (risos) mas tive os meus namoradinhos.

E hoje é mãe, esposa...

Sou mãe de um casal. Um já está na adolescência e outro para a pré-adolescência. E acho que por ter essa veia multicultural na minha família fui procurar um jovem multicultural. E casamos. Ele nasceu em Tete, mas toda

a origem dele é Inhambane. Como vê, na minha família há cultura Ndau, Sena, Macua e Bitonga...

Fale-nos um pouco do seu percurso escolar

Minha escola primária foi a 1 de Junho, que por sinal se tornou numa parte da Delegação da Beira da UP. Estudei em duas escolas secundárias, a Samora Machel e Mateus Sansão Mutemba. Fiz um mestrado em 2025 na UEM e hoje prossigo estudo de doutoramento em 2026 na UEM.

Hoje é parte do quadro docente na UP-Maputo. Como tudo começou?

Frequentei o curso de Psicologia escolar, no Departamento de Ciências Pedagógicas e em 2007, quando eu terminei as cadeiras curriculares, um dos meus professores de Psicologia de Personalidade, o Prof. Hermenegildo

Loiane, por quem tenho muita estima, chamou-me e disse, “olha, Cecília, durante o seu percurso estudantil eu estava a observá-la e quero lhe convidar para ser monitora”. Eu respondi que não tinha paciência de dar aula! Ele ri-postou que me observou... e me convenceu. Aceitei o desafio.

Então, foi monitora!

Sim, mas eu não me imaginava a dar aulas, imaginava ser uma psicóloga escolar, fazer o mapeamento dos problemas existentes na escola. Ser útil na escola. Mas me surgiu essa proposta que aceitei, embora relutante. Numa primeira fase eu não ia à sala de aulas, eu só organizava expediente, organizava a agenda do Prof. Hermenegildo que por acaso era o director do curso. Tinha também tarefas ligadas ao registo académico do curso. Me recordo que aprendi, como monitora, a organizar expediente, elaborar cartas, indexar documentos... e só depois comecei a entrar para a sala. O Prof. Loiane dizia que a minha paixão era a psicopatologia e da Psicologia de Desenvolvimento e é verdade, fui trabalhado nestas áreas mesmo...

E depois se transfere para Maputo. Foi desafiador para si ou nem por isso, a integração foi fácil?

Na verdade, quando eu vim para Maputo tinha uma certa raiva, embora não saiba se é o adjectivo correcto. Raiva porque era Maputo quem ditava as regras. Nós tínhamos a percepção de que tudo que nós fazíamos na Delegação, porque os colegas que estavam na frente assim o diziam, devia depender de Maputo. Quando nos davam orientações diziam que “Maputo orientou”, “Maputo decidiu” e tínhamos que cumprir. O que eu pensava é que ia para aquele local onde só decidem, e às vezes até decidem coisas sem pés e nem cabeça, que nos anulavam como professores.

Imagino que não foi fácil para si ir ao encontro desse “Maputo” que vos anulava...

Quando cheguei aqui, eu percebi que não era exactamente assim como os

nossos colegas nos passavam a informação! E tive a sorte, fui bem recebida pelo então director pedagógico, o Prof. Flores, que em reunião me apresentou aos demais colegas. A integração foi pacífica, e com o tempo também fui construindo próprios passos.

Quando olho para a professora Cecília, parece que o seu coração bate mais para a área clínica. Me explica isso, é psicóloga escolar ou clinica?

Eu sou psicóloga escolar, mas dentro da psicologia escolar, por causa dos transtornos que ocorrem na escola... Quando falo de transtornos, não estou



Conversando com a Cecília Xavier

a olhar só a questão clínica. É todo aquele processo de comportamento, que é da parte dos professores, do aluno... Aliás, toda a comunidade escolar, até os pais são envolvidos. Isso nos obriga a compreender muito a questão clínica. Que transtorno é? Isso vai nos obrigar a ler muito e a entender, classificar, nomear. Eu preciso perceber que isso é uma dislexia, sim, porque tem este fenómeno, mas não posso dizer que é dislexia sem chamar o meu colega da parte clínica.

A Mestre Cecília é assistente. Quando se olha para a legislação, o que ela refere como o papel ou actuação do assistente, não é o que sucede na prática. O assistente é regente de disciplinas. Como olha para esta questão?

Eu gostaria que o papel do assistente fosse, de facto, de assistente. Mas compreendo a dicotomia, as exigências,

mas também as limitações não só da universidade, mas também do país, mas eu penso que seria ótimo ter um professor. Disse atrás que fui monitora, foi uma experiência louvável poder partilhar informações com os colegas mais velhos, e eles também colhiam a minha opinião e integravam em alguns conteúdos. Em relação às aulas discutíamos e fazíamos modificações na forma de as ministrar, etc. Então, quando vejo a minha situação de assistente e regente ao mesmo tempo, sinto esse deficit, preciso de mais orientação. Eu faço aquilo que acredito que tem que ser feito, e depois há aqueles professores que dizem “esses meninos chegam agora e já estão a entrar na sala como professores”. Mas não nos dizem como deveríamos fazer... acho que esse deficit se ressentem até hoje, mesmo que eu seja regente.

Quando olha para a universidade, em todas as suas dimensões como pesquisa, extensão, ensino, governação, etc.... de 0 a 10, que nota daria a UP-Maputo?

(Risos) Não vou dar nenhuma nota. São grandes os desafios da universidade. Mas penso que nem sempre é a de falta de dinheiro, porque a justificação é essa. Eu sinto que às vezes a universidade cobra muito, principalmente do professor, mas sem dar-lhe condições. Vou lhe trazer um exemplo. Nós reclamávamos que não tínhamos um sítio adequado para tomar refeições. Veja que agora nem esse sitio inadequado temos... para eu comprar uma água tenho que sair da universidade...

Falou de desafios da universidade. Pode elaborar mais ...

Vou me focar nas infraestruturas. Casa de banho, houve e terceirização, mas acredito que precisa mais supervisão nossa, coisas simples... há baldes, mas falta água, sô um exemplo. Eu sugiro que a chefia desça um pouco para a base, vir viver o que se passa. Vou lhe contar uma experiência pessoal. Quando os meus filhos eram pequenos eu preparava uma tela gigante onde eles pintavam, certa vez eles vieram cá a universidade e um deles perguntou

“mãe, na tua escola estudam crianças?” Eu disse lhe que não sem fazer conexão nenhuma, foi quando ela me perguntou “então porquê sujam as paredes?”. Fiquei muito embarracada... por isso digo que nem tudo é questão de dinheiro... eu me interrogo se não valeria a pena recuperar experiência que nós vivemos no passado, as jornadas de limpeza.

Há outras dimensões, o ensino, por exemplo. Prefiro partilhar experiência do que faco nas aulas. Eu tenho optado por fazer aulas fora da sala de aula. Eu levo os meus alunos ao teatro. Na minha disciplina trato de questões como depressão, eu pesquiso e se percebo que uma peça teatral vai tratar esse tema levo os meus estudantes. Igualmente peço aos meus estudantes para lerem livros de literatura e para depois me apresentarem um resumo. Eu digo para eles que não se vão formar em psicologia lendo apenas livros da área. Desse modo penso que contribui para a formação do cidadão.

O estudante de hoje não tem paixão pelos estudos.

Bom, é professora já há bastante tempo... Falemos um pouco dos alunos. Sente alguma diferença entre os alunos de hoje e os de ontem?

Quando comecei, eu tinha alunos muito mais motivados, que queriam perceber o que é estudar e tinham um propósito. Deixa lhe dizer que no meu percurso nasceu o associativismo. Sempre tive alunos carenciados ou vulneráveis, que se aproximavam e pediam uma solução pois não estavam a conseguir estudar, tinham dificuldades financeiras ou então os pais já eram divorciados. Nesse percurso eu conheci uma menina que vejo como minha filha. Na altura ela tinha 19 anos e ela veio ter a chorar porque tinha que voltar a casa pois tinha que parar de estudar. Eu vi nela grande vontade de estudar, mas estava a ser impossibilitada por causa dos pais que se estavam a separar. Eu a agarrei e me pus a mim mesma uma meta. Aquela menina não

ia voltar para casa. Eu conversei com a mãe dela que assentiu. Criei condições para que ela gerasse rendimento para si. Eu dei-lhe um dinheiro para que comprasse um fardo e vendesse roupa para pagar as suas propinas. Falei também com uma outra colega para ajudar. Fiz tudo isso porque a jovem tinha paixão pelos estudos. Hoje eu vejo alunos que fingem ter paixão pelos estudos. No decurso das aulas não aparecem, mas no final vêm com muitas desculpas, só ficaram a espera da época do final do ano.

Durante o percurso das aulas, não se preocupam em tentar entender o que é a aula, qual é a metodologia do professor, etc. Estão mais preocupados, não sei se é o “sistema”, em ter certificado do



Cecília Xavier

que conhecimento.

Mas não acha que como a universidade poderemos estar a falhar? Conseguimos influenciar esses alunos no bom sentido? Trabalhamos bem esse componente de os ajudar a serem estudantes universitários?

É uma questão muito difícil... Eu diria que sim, na medida possível. Depende da metodologia que cada professor usa para poder trazer o aluno de volta. Mas eu acredito em uma universidade um pouco mais humana, que se aproxima dos alunos, e isso não é só para a Direcção dos Serviços Sociais ou a Associação de Estudantes, esses órgãos até funcionam, mas ainda falta a divulgação. Mas voltemos aos professores, há uma experiência da UEM. Eles, na pós-graduação, têm dois professores na sala de aula. Eu acredito que se essa

prática fosse feita por nós, na graduação, poderíamos resgatar alguns alunos que não se perderiam porque seriam mais olhos a observa-los.

**Na vida académica
As mulheres ainda encontram
desafios por serem mulheres!**

É professora, mulher, mãe, esposa... percebe que vive desafios profissionais que decorrem do facto de ser mulher?

Muitos (risos) por exemplo para a minha formação de doutoramento vivi um dilema na família. Quando eu pus ao meu companheiro a possibilidade de sair, embora ele não seja uma pessoa que me impeça de estudar, ele disse “sabes o que são quatro anos uma mulher fora de casa?” Isso mexe com a estrutura de qualquer profissional... é mais fácil para o homem sair, sem querer dizer que os homens não têm desafios ao nível da família quando tal ocorre. A nossa sociedade ainda vê como um problema a mulher sair de casa para ir estudar, e isso não se coloca só ao meu parceiro, mas a todos os outros familiares.

Quando eu ouvi isso dele, não explorei mais o assunto, como perguntar o que ele acharia se eu tivesse uma bolsa para fora, etc. Simplesmente procurei um doutoramento dentro do país. A palavra pesou. Repare que eu trabalho fora, viajo, ele ajuda bastante, mas a mulher dele não é para ficar um tempo longo fora de casa. Em relação ao lado profissional, é como por ser mulher houvesse como se houvesse um espião que questiona se somos capazes ou não. É como se nos estivessem sempre a medir. Eu sou directora de um curso e os colegas dão-me apoio, mas por surgem vezes dizendo que quem deve fazer esta actividade é você por ser directora, ... isso por vezes me incomoda, somos uma equipe, mas eu tenho que fazer sozinha a tal actividade, talvez porque uns são mais velhos, outros PhDs, enfim há uma certa clivagem mas percebo que é pela percepção e construção social que cada um foi tendo ao longo do seu percurso.



Ode aos assistentes sociais!

A FEP celebrou há dias o dia do assistente social (AS) e me foi endereçado um convite para participar. Trata-se de profissionais por quem tenho grande apreço e estima, não poderia ser de outra forma, acedi ao convite e vivi intensamente o momento.

Os AS desempenham uma actividade nobre, pois o seu foco é promover a justiça social, a defesa dos direitos humanos e a melhoria da qualidade de vida de indivíduos em situação de vulnerabilidade e ... como se consuma dizer, a nobreza de uma nação se vê pela forma como trata os mais fracos!

Mas os AS têm que lidar com desafios difíceis. Vejamos que vivemos, na contemporaneidade, sob o signo da globalização e do neoliberalismo, quadros que pelas suas lógicas de capitalismo agressivo de acumulação do capital, promovem relações de trabalho injustas, originam a intensificação da precarização no trabalho, desemprego e o aumento das desigualdades sociais e da exclusão, o que obviamente vai exigir respostas, se destacando aqui o papel dos AS.

Portanto, o AS actua hoje num cenário de escassez de recursos públicos, pois o neoliberalismo postula o Estado mínimo, não investindo no campo social, assumindo, erroneamente, que mercado pode resolver tudo. E, para agravar, o sector produtivo, entenda-se as empresas, muito orientadas para a acumulação do capital, são geralmente

pouco sensíveis às questões sociais.

Mas há outros desafios com que os AS tem que se defrontar. Vivemos num tipo de sociedade em que, talvez devido à logica do capitalismo e ao abandono das nossas raízes culturais (o ubuntu), somos cada vez menos solidários e nos caracterizamos por um egoísmo sistémico.

Acrescentaria ainda alguns outros problemas sociais, emergentes. Primeiro, as mudanças climáticas que geram, no nosso país, ciclicamente, cheias,

O que se deseja é que os assistentes sociais sejam capazes de compreender as condições que existem, ou que não existem, que geram esse quadro de desigualdade, injustiça, violência, etc. para que possam intervir na raiz dos problemas sociopolíticos e económicos por detrás dos mesmos. Se espera que não sejam profissionais que apenas agem sobre as consequências.

secas, calor excessivo, etc. com efeitos sociais dramáticos por todos nós conhecidos! Segundo, a exclusão tecnológica, pois a falta de acesso à internet de qualidade e a falta de literacia digital aprofundam as desigualdades no acesso a renda e, em terceiro, a marginalização, discriminação e negação de direitos e dignidade e mesmo violência física a indivíduos cuja orientação sexual ou identidade de género não se enquadra na “normalidade”, o que tem gerado muito sofrimento na nossa sociedade.

A questão é: quais as respostas a estes cenários? Naturalmente que os AS são chamados aqui a darem a sua con-

tribuição e sendo a UP-Maputo uma universidade que os forma, ela deve prestar muita atenção ao seu modelo pedagógico de formação. É preciso, primeiro, romper com o paradigma tradicional do ensino que separa a teoria da prática e promover uma formação que combine teoria crítica, sublinhe-se “crítica”, e a prática, por forma a inserir os futuros profissionais nessa sociedade complexa, para que eles a compreendam e possam ter condições, teóricas e práticas, para agirem sobre a mesma.

Segundo, a formação deve ter forte componente de politização, não no sentido de politização partidária, mas no sentido de desenvolver no futuro AS o espírito e a compromisso de querer transformar sociedade rumo a uma sociedade mais igualitária e justa. Penso, na verdade, o que se deseja é que os AS sejam capazes de compreender as condições que existem, ou que não existem, que geram esse quadro de desigualdade, injustiça, violência, etc. para que possam intervir na raiz dos problemas sociopolíticos e económicos por detrás dos mesmos. Se espera que não sejam profissionais que apenas agem sobre as consequências - na mitigação dos efeitos - mas sim, como já

referido, também sobre as causas geradoras.

Relacionado com a questão anterior, o grande desafio dos AS é que eles estejam ao serviço de um projecto ou, se quisermos, de um compromisso político com a emancipação humana, como refere IAMAMOTO (2000). E este projecto deve ser coerente com os princípios da justiça social, da igualdade e defesa dos direitos humanos ou, como eu prefiro dizer, da dignificação da

pessoa humana.

Em jeito de fim, me quero dirigir aos queridos estudantes e professores do curso de Assistência social. Sugiro que vossa geração leve muito a sério a tarefa de superar a visão assistencialista da Assistência Social. Vocês são chamados a desmistificar essa ideia bastante enraizada de que praticar a assistência social é fazer caridade, é fazer um favor àqueles que estão numa situação de precariedade.

A vossa profissão é muito mais do que isso. Hannah Arendt dizia todos têm direito a ter direitos. Vocês são aqueles nobres profissionais que vão fazer com que as comunidades e os indivíduos, que na verdade têm direito a ter direitos, mas que por razões estruturais e conjunturais não os usufruem, se potenciessem para ir atrás dos seus direitos e... não mais permitam que alguém os roube!

Ideias

Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas dificuldades não são inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram. E, de fato, não é difícil assinalar esses defeitos. Embora a humanidade tenha efectuado avanços contínuos em seu controle sobre a natureza, podendo esperar efectuar outros ainda maiores, não é possível estabelecer com certeza que um progresso semelhante tenha sido feito no trato dos assuntos humanos; e provavelmente em todos os períodos, tal como hoje novamente, muitas pessoas se perguntaram se vale realmente a pena defender a pouca civilização que foi assim adquirida.

Sigmund FREUD in "O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos", Volume XXI, (1927-1931

Dionisio Tumbo



Diálogo, Tecnologia e Aprendizagem

Uma Releitura do Capítulo II da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire

O Capítulo II da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1970), constitui uma das mais influentes reflexões pedagógicas do século XX ao problematizar a natureza do acto educativo e denunciar as limitações daquilo que o autor designa por “educação bancária”. Nesta concepção, o conhecimento é tratado como um depósito de informações transmitidas unilateralmente pelo professor aos estudantes, considerados recipientes passivos. Em contraposição, Freire propõe a educação problematizadora, fundamentada no diálogo, na reflexão crítica, na participação activa dos sujeitos e na construção colectiva do conhecimento.

A actualidade deste capítulo torna-se particularmente evidente quando analisada à luz dos desafios e possibilidades da Educação a Distância (EaD), da educação online e dos ambientes digitais de aprendizagem característicos da cibercultura contemporânea. Embora Freire tenha escrito a sua obra num contexto anterior à revolução tecnológica digital, os seus pressupostos epistemológicos e pedagógicos permanecem profundamente relevantes para compreender as transformações educacionais do século XXI.

Na perspectiva freireana, a aprendizagem autêntica ocorre quando educadores e educandos se reconhecem como sujeitos históricos que aprendem mutuamente através do diálogo. Esta visão encontra forte ressonância nos modelos contemporâneos de educação online centrados no es-

tudante, nos quais a aprendizagem é concebida como um processo interactivo, colaborativo e socialmente construído. Plataformas digitais, fóruns de discussão, videoconferências, redes sociais académicas e comunidades virtuais de aprendizagem podem constituir espaços privilegiados para a concretização do ideal freireano de diálogo horizontal.

Todavia, a leitura crítica do capítulo permite identificar um paradoxo importante. Apesar do enorme potencial democratizador das tecnologias digitais, muitas práticas em EaD teimam em reproduzir a lógica da educação bancária denunciada por Freire. Em numerosos contextos, as plataformas virtuais são utilizadas apenas como repositórios de conteúdos, limitando-se à disponibilização de textos, vídeos e quizzes automatizados. Nestas circunstâncias, a tecnologia não promove inovação pedagógica, mas apenas virtualiza métodos tradicionais de transmissão do conhecimento.

O fenómeno da cibercultura, amplamente analisado por autores como Pierre Lévy (1999), amplia esta discussão ao introduzir conceitos como inteligência colectiva, interactividade e produção colaborativa do conhecimento. A cibercultura desafia os modelos hierárquicos de ensino e favorece ecossistemas de aprendizagem em rede, nos quais os estudantes assumem papéis mais activos na produção, partilha e validação do saber. Sob esta perspectiva, verifica-se uma convergência sig-

nificativa entre os princípios da educação problematizadora de Freire e as potencialidades pedagógicas da Web 2.0.

Entretanto, a própria cibercultura apresenta riscos que exigem análise crítica. A abundância de informação, a circulação de desinformação, a superficialidade cognitiva induzida por determinados ambientes digitais e as desigualdades de acesso às tecnologias podem gerar novas formas de exclusão. Neste sentido, a pedagogia freireana continua a oferecer importantes

1 Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34. referenciais para promover uma literacia digital crítica, capaz de formar cidadãos conscientes, autónomos e socialmente comprometidos.

Enfim, o Capítulo II da *Pedagogia do Oprimido* permanece uma referência fundamental para a reflexão sobre a educação contemporânea. Os seus princípios dialogam directamente com os desafios da Educação a Distância, da educação online e da cibercultura, ao defender uma educação baseada no diálogo, na participação e na emancipação humana. Mais do que incorporar tecnologias, o desafio actual consiste em assegurar que os ambientes digitais de aprendizagem sejam concebidos como espaços de construção crítica do conhecimento, evitando a mera reprodução, em formato electrónico, das práticas bancárias que Freire tão vigorosamente criticou.